

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS: MODO DE
(SOBRE)VIVÊNCIA/EXISTÊNCIA POR MEIO DE UM PROJETO DE
EXTENSÃO DE MUSICOTERAPIA EM UMA UNIVERSIDADE
PÚBLICA BRASILEIRA

Sheila Beggiato, Gislaine Cristina Vagetti

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9833>

Submetido em: 2024-09-11

Postado em: 2024-10-14 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Andressa Dias Arndt (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9898-5084>)

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS: MODO DE (SOBRE)VIVÊNCIA/EXISTÊNCIA POR MEIO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO DE MUSICOTERAPIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA

SHEILA BEGGIATO¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5207-3362>

sheila.beggiato@unespar.edu.br

GISLAINE VAGETTI²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0704-1297>

gislaine.vagetti@unespar.edu.br

¹ Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – Curitiba (PR) – Brasil

² Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR – Curitiba (PR) – Brasil

RESUMO: A violência contra a mulher é, acima de tudo, uma violação dos direitos humanos. Sendo uma violação de direitos humanos passa a ser uma problemática que diz respeito a todos e todas, um compromisso da sociedade como um todo. Estudantes de universidades brasileiras são mulheres que carregam histórias de violência. Este artigo apresenta resultados de um projeto de extensão e pesquisa desenvolvido em uma universidade pública no sul do Brasil, que promoveu Encontros de Musicoterapia para estas estudantes. O objetivo do projeto foi compreender os sentidos criados, durante os Encontros de Musicoterapia, por estudantes universitárias que sofrem / sofreram violência. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, que contou com a participação de 6 estudantes universitárias em Encontros de Musicoterapia ao longo de 9 meses. A análise baseou-se nos núcleos de significação e os resultados indicam que as experiências musicais tecidas nas interações grupais nos Encontros de Musicoterapia, ampliaram o campo de possibilidades nas formas de ser e estar destas estudantes e colaboraram para que elas pudessem criar sentidos outros para sua existência, aumentando a sua potência de agir. Destaca-se a importância de o projeto de extensão ter sido ofertado em um contexto universitário, que é algo próximo as estudantes e igualmente o valor da universidade para a existência destas, não somente como lugar de construção de conhecimento científico, como também de criação de laços sociais e afetivos.

Palavras- Chave: musicoterapia, violência, ensino superior, mulheres, existência.

HIGHER EDUCATION STUDENTS: WAY OF SURVIVAL/EXISTENCE THROUGH A MUSIC THERAPY EXTENSION PROJECT AT A BRAZILIAN PUBLIC UNIVERSITY

ABSTRACT: Violence against women is above all, a violation of human rights. Being a violation of human rights, it becomes a problem that concerns everyone as a commitment of the society as a whole. Among students at Brazilian Universities, there are women who have experienced stories of violence. This article presents results from an extension and research project developed at a public University in Southern Brazil, where Music Therapy Meetings for those students were conducted. The goal of the project was to understand the issues that have been emerged at the Music Therapy Meetings attended by Higher Education students who suffered violence. This is a qualitative and exploratory research which involved

the participation of six Higher Education students in Music Therapy Meetings over a period of nine months. The data analysis was based on the meaning cores, and the results indicate that the musical experiences intertwined in group interactions during Music Therapy Meetings, expanded the field of possibilities for these students' ways of being and collaborated to create other meanings for their existence, increasing their action's potential. This extension project being offered in a University environment has a paramount importance, due to its proximity to the students, and to the high value of the University in their existences, not only as a place for achieving scientific knowledge, but also for building social and emotional ties.

Keywords: music therapy, violence, higher education, women, existence.

ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS: FORMA DE (SOBRE)VIVIR/EXISTENCIA A TRAVÉS DE UN PROYECTO DE EXTENSIÓN DE MUSICOTERAPIA EN UNA UNIVERSIDAD PÚBLICA BRASILEÑA

RESUMEN: La violencia contra las mujeres es ante todo, una violación de los derechos humanos. Al ser una violación de los derechos humanos, se convierte en un problema que concierne a todos, un compromiso de la sociedad en su conjunto. Las estudiantes de las universidades brasileñas son mujeres que cargan historias de violencia. Este artículo presenta resultados de un proyecto de extensión e investigación desarrollado en una universidad pública del sur de Brasil, que promovió Encuentros de Musicoterapia para estos estudiantes. El objetivo del proyecto fue comprender los significados creados, durante los Encuentros de Musicoterapia, por estudiantes universitarios que sufren o han sufrido violencia. Se trata de una investigación cualitativa y exploratoria, que implicó la participación de seis estudiantes universitarios en Encuentros de Musicoterapia a lo largo de nueve meses. El análisis se basó en los núcleos de significado y los resultados indican que las experiencias musicales tejidas en las interacciones grupales de los Encuentros de Musicoterapia, ampliaron el campo de posibilidades en las formas de ser de estos estudiantes y colaboraron para que pudieran crear otros significados para su existencia, aumentando su poder de actuar. Se resalta la importancia de que el proyecto de extensión se ofrezca en el contexto universitario, lo cual es algo cercano a los Estudiantes, e igualmente el valor de la universidad para su existencia, no sólo como lugar para la construcción de conocimiento científico, sino también para la creación de vínculos sociales y emocionales.

Palabras clave: musicoterapia, violencia, educación superior, mujeres, existencia.

INTRODUÇÃO

A universidade, embora venha passando por crises (SANTOS, 2008), se caracteriza como um bem público e é (ou deveria ser) um espaço democrático, pluridimensional, que mistura intencionalidades múltiplas e conflitantes (PRESTES; JEZINE, 2021).

Segundo Boaventura Souza Santos (2008), a universidade é um lugar de construção de conhecimentos e também de trocas sociais. É um

período de várias experiências, vez que esta é compreendida não somente como um lugar de apropriação de conhecimento técnico-científico, mas também um dos campos de construção e expressão de subjetividades e formação humana integral. É lugar de convívio social marcado por encontros e desencontros, pelo construir e reconstruir de histórias, dentre elas, os relacionamentos afetivos, que são vivenciados pelos jovens de diversas formas. (SOUZA SANTOS, 2008, p. 13).

Chegar ao ensino superior, particularmente em uma instituição pública, está no desejo de muitas(os) brasileiras(os), todavia, a parcela da população que consegue realizar esse feito ainda é pequena. A partir dos anos 2000, esse cenário sofreu uma pequena melhora, com a disponibilização dos cursos de graduação a distância, democratização do acesso, instituição de ações afirmativas, bolsas e financiamentos estudantis, entre outros, que permitem que parcelas outras da população adentrem aos bancos de uma instituição de ensino superior.

Em 2021, segundo o Censo da Educação Superior (BRASIL, 2021), foram oferecidas mais de 22,6 milhões de vagas em cursos de graduação, compostas por 74,5% de vagas novas e por 25,2% de vagas remanescentes. Essas vagas estão concentradas na rede privada, que ofertou 96,4% em cursos de graduação. A rede pública ficou com 3,6% das vagas ofertadas pelas Instituições de Ensino Superior (IES).

Ano a ano, as universidades recebem milhares de estudantes provenientes de distintas partes do Brasil e até de outros países. Cada estudante carrega consigo histórias, narrativas, expectativas e sonhos. Dentre essas(es) estudantes, podemos encontrar pessoas que trazem marcas de violência(s) sofrida(s) em qualquer momento da sua existência, antes mesmo do ingresso no ensino superior. Infelizmente, ao longo da vida acadêmica, violências também podem acometer a essas(es) estudantes, podendo ser produzidas ou ocorrendo no âmbito acadêmico.

A violência, para Arendt (2008), é a dominação própria de relações humanas marcadas pela ausência do diálogo e pela instrumentalização do sujeito, frequentemente marcadas pela imposição de poder de uma pessoa sobre a outra, podendo ocorrer a objetificação do outro (BEGGIATO et al, 2022).

Já Simone de Beauvoir (2009) afirma que, quando se ensina determinadas construções, como ser ‘maternal’, ‘dóceis’, ‘dedicadas’, ensina-se a submissão, e a aceitar atitudes de violência advindas principalmente dos homens. Isso reforça mais ainda o modelo patriarcal e dificulta o desvencilhamento de muitas mulheres desse modelo. Vale questionar essa construção social que, ao longo da história, vem reforçando esse lugar da mulher como “segundo sexo”, em condição de submissão e subalternidade em relação ao homem.

O Brasil ainda carece de estudos voltados a conhecer melhor a realidade de estudantes universitárias que sofreram violência. Uma revisão de escopo (BEGGIATO et al, 2022) identificou somente 12 estudos com esta temática.

Se poucos são os estudos nesta temática, supõe-se que as ações também sejam rarefeitas. Cabe questionar qual o papel social que a universidade pode ter nesse sentido? Que ações poderiam ser propostas para acolher, oferecer atendimento e assistência a estudantes que sofreram violência? As políticas de permanência estudantil esbarram neste

tema? Elas conseguem ter alcance neste sentido? Projetos de extensão seriam caminhos viáveis para se trilhar e oferecer a estas estudantes?

Em resposta a essas perguntas, apresenta-se neste artigo o resultado de um projeto de extensão, desenvolvido em uma universidade pública no sul do Brasil, que promoveu encontros de Musicoterapia para estudantes universitárias que tinham sofrido ou vinham sofrendo violências. Com uma análise qualitativa demonstra-se como a universidade pode ser um espaço que vai para além da produção de conhecimentos acadêmicos, mas que também pode oportunizar espaços para produção de modos outros de existência e sobrevivência.

Na primeira parte deste trabalho faz-se a apresentação da musicoterapia, profissão e ciência que vem crescendo largamente com trabalhos área da saúde, da educação, na social e comunitária.

Prosseguindo, a segunda parte aborda a violência, seus tipos e formas e apresenta alguns estudos que indicam os prejuízos que ter sofrido violência podem ocasionar para uma estudante mulher, bem como, os comprometimentos na sua vida acadêmica.

Em seguida, apresenta-se a metodologia desenvolvida, o tipo de pesquisa, local de desenvolvimento do projeto e os critérios para a participação no mesmo.

Para finalizar, o artigo apresenta resultados do projeto, a partir da perspectiva das participantes, tornando-se suas vozes audíveis por meio de suas falas e discute a universidade como esse lugar possível para a produção de vidas, de (sobre)vivência e de possibilidade de existência.

MUSICOTERAPIA

A Musicoterapia tem seu nascimento marcado, a partir da década de 1940, quando a humanidade se viu diante de milhares de veteranos e mutilados da Segunda Guerra Mundial (COSTA, 1989; LEINIG, 1977). Levando músicos a hospitais, que faziam apresentações para os pacientes, médicos e enfermeiras, observaram respostas positivas no estado emocional e físico. Despertados por esses resultados, passou-se a investigar com mais profundidade esses efeitos provocados pela música e a necessidade de uma formação específica, de um profissional especializado e qualificado, com conhecimentos musicais e da saúde para atuar com estas e outras pessoas. Surgem assim, os primeiros cursos de formação de musicoterapeutas, nos Estados Unidos, na década de 1950. A partir dessa data, "muitas universidades americanas instituíram, em seus departamentos musicais, cursos para treinamento de musicoterapeutas, em cooperação com escolas médicas e hospitais" (LEINIG, 1977, p. 16).

No Brasil, os primeiros cursos de formação de musicoterapeutas passam a existir no início dos anos 1970. Primeiramente, no Paraná, em 1971 tem início o curso de especialização em Musicoterapia, na então Faculdade de Educação Musical do Paraná (FEMP), atualmente Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Em seguida, em 1972,

o Conservatório Brasileiro de Música abre o curso de graduação em Musicoterapia (Beggiato; Messagi, 2022).

Para definir a Musicoterapia, a União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM) sustentou-a em três eixos: Disciplina, Prática e Profissão. Assim, a Musicoterapia

é um campo de conhecimento que estuda os efeitos da música e da utilização de experiências musicais, resultantes do encontro entre o/a musicoterapeuta e as pessoas assistidas. A prática da Musicoterapia objetiva favorecer o aumento das possibilidades de existir e agir, seja no trabalho individual, com grupos, nas comunidades, organizações, instituições de saúde e sociedade, nos âmbitos da promoção, prevenção, reabilitação da saúde e de transformação de contextos sociais e comunitários; evitando dessa forma, que haja danos ou diminuição dos processos de desenvolvimento do potencial das pessoas e/ ou comunidades. (UBAM, 2018).

Entende-se a Musicoterapia como área de conhecimento interdisciplinar, o que pode ser conferido em afirmações como: “a Musicoterapia, dentro do contexto de ciência atual, surgiu no incômodo e instigante lugar da interdisciplinaridade” (CHAGAS, 2001, p. 56), agregando conhecimento de diferentes campos do saber, como a música, a medicina, a psicologia, as ciências humanas.

A Musicoterapia Social, perspectiva de simpatia das autoras deste artigo, se apresenta como "práticas de cuidado, acolhimento e atendimento que centralizaram suas ações no contexto das relações sociais e culturais nas quais a existência humana se realiza" e o que "interessa nessa perspectiva, é a forma como as pessoas estabelecem, experimentam e expressam a vida, apesar de, e com suas condições existenciais pessoais, sociais e culturais". (CUNHA, 2016, p. 95-96).

Assim, é possível pensar uma perspectiva de Musicoterapia que não focaliza o binômio saúde/doença, mas que evidencia outras dimensões do existir (CUNHA, 2016, p. 109) e que privilegia as ações e fazeres musicais em grupo e em espaços para além dos tradicionais, como por exemplo, um projeto de extensão, em uma universidade.

VIOLÊNCIA

A noção de violência, segundo Pequeno (2019), tem um caráter pluridimensional e polissêmico e permeia vários campos do conhecimento da filosofia. Essa multiplicidade, segundo este autor, dificulta conceituar a violência em todas as suas nuances. Em seu sentido extremo, a violência é uma violação, pois viola a integridade, a identidade, a dignidade e a humanidade do outro (PEQUENO, 2019).

Vilela (2016, p.12) afirma que a violência contra a mulher “é uma das manifestações da violência de gênero mais cruéis e persistentes [...] porque atravessa a história e sobrevive”. Para a violência não há classe social, origens, religiões, estado civil, escolaridade ou raça, atingindo mulheres de todas as idades.

A violência carimba marcas no corpo, abala o emocional, fere profundamente a autoestima, e pode comprometer a saúde física e psicológica das mulheres. Os desdobramentos de ações violentas transformam-se em medo, vergonha, isolamento, depressão e até mesmo em doenças.

A violência apresenta-se de diferentes formas e tipos. Segundo o Conselho Nacional de Justiça, os tipos de violência podem ser:

- Violência contra a mulher – é qualquer conduta – ação ou omissão – de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada pelo simples fato de a vítima ser mulher e que cause dano, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial. Essa violência pode acontecer tanto em espaços públicos como privados.
- Violência de gênero – violência sofrida pelo fato de se ser mulher, sem distinção de raça, classe social, religião, idade ou qualquer outra condição, produto de um sistema social que subordina o sexo feminino.
- Violência doméstica – quando ocorre em casa, no ambiente doméstico, ou em uma relação de familiaridade, afetividade ou coabitação.
- Violência familiar – violência que acontece dentro da família, ou seja, nas relações entre os membros da comunidade familiar, formada por vínculos de parentesco natural (pai, mãe, filha etc.) ou civil (marido, sogra, padrasto ou outros), por afinidade (por exemplo, o primo ou tio do marido) ou afetividade (amigo ou amiga que more na mesma casa).
- Violência física – ação ou omissão que coloque em risco ou cause dano à integridade física de uma pessoa.
- Violência institucional – tipo de violência motivada por desigualdades (de gênero, étnico-raciais, econômicas etc.) predominantes em diferentes sociedades. Essas desigualdades se formalizam e institucionalizam nas diferentes organizações privadas e aparelhos estatais, como também nos diferentes grupos que constituem essas sociedades.
- Violência intrafamiliar/violência doméstica – acontece dentro de casa ou unidade doméstica e geralmente é praticada por um membro da família que viva com a vítima. As agressões domésticas incluem: abuso físico, sexual e psicológico, a negligência e o abandono.
- Violência moral – ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação da mulher.
- Violência patrimonial – ato de violência que implique dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores.
- Violência psicológica – ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal.

- Violência sexual – ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou a participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal. Considera-se como violência sexual também o fato de o agressor obrigar a vítima a realizar alguns desses atos com terceiros.

Quanto às formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, segundo o artigo 7º da Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006) são, entre outras:

I – a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II – a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III – a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV – a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V – a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

No contexto do ensino superior, mais especificamente sobre violência contra a mulher no ambiente universitário, uma pesquisa desenvolvida pelo Instituto Avon (2015) conversou com 1.823 universitários de todo o país, numa proporção de 40% de homens e 60% de mulheres, de instituições públicas e privadas brasileiras. Como resultado, juntamente com coletivos feministas e estudantes universitários chegaram a seis tipos de violência, conforme se apresenta: assédio sexual, coerção, violência sexual, violência física, desqualificação intelectual e agressão moral e/ou psicológica.

Segundo esta mesma pesquisa (INSTITUTO AVON, 2015), das mulheres participantes da pesquisa, 67% reconheceram ter sofrido algum tipo de violência no âmbito universitário. Essa mesma pesquisa revelou que as mulheres universitárias sentem medo:

36% das entrevistadas afirmaram que deixaram de realizar alguma atividade por medo de sofrer violência e 42% já sentiram medo de sofrer violência no âmbito universitário.

Um estudo realizado por um grupo de pesquisadores peruanos (CÉSPEDES et al., 2020) mostra como a violência contra a mulher traz prejuízos nos estudos. Estes autores apresentam o resultado de um estudo de Umana e colaboradores, de 2014, que constatou que as universitárias que tinham sofrido violência tiveram uma redução significativa em sua concentração (71%) e o risco de evasão no semestre letivo aumentou 3,3%.

Outro estudo apresentado por Céspedes et al. (2020), de autoria de Jordan et al. (2014), concluiu que vítimas de violência sexual apresentam a probabilidade três vezes maior de obter uma média de notas mais baixa. E, ainda, que a violência sexual pode impactar os processos cognitivos, apresentando déficits de concentração, planejamento de suas atividades, bem como memorização das aulas ou tarefas.

A pesquisa (CÉSPEDES et al., 2020) buscou compreender a relação entre a violência contra a mulher nas relações íntimas com o parceiro e o presenteísmo acadêmico de estudantes do curso de administração e engenharia. Os resultados indicaram uma diminuição do desempenho acadêmico. O presenteísmo foi avaliado por meio de uma escala e apresentou os seguintes resultados:

No primeiro estágio o presenteísmo se reflete na distração e esgotamento da aluna; no segundo estágio, reflete-se na diminuição percebida da produtividade acadêmica; no terceiro estágio, observa-se a deterioração da coesão social com colegas e professores; e no quarto estágio se reflete na intenção de desistir. (CÉSPEDES et al., 2020, p.136-137).

Os resultados de um outro estudo, realizado nos Estados Unidos (BANYARD et al., 2020), com estudantes que sofreram violência do tipo contato sexual indesejado, relação sexual indesejada, abuso de relacionamento e perseguição, mostraram “menor eficácia acadêmica, maior estresse relacionado à faculdade, menor comprometimento institucional e menor consciência escolar” (p.11).

Resultados semelhantes foram encontrados na pesquisa de Mishra (2021) com estudantes indianas, que indicaram que o impacto da violência as leva a

vivenciar angústias decorrentes da exposição aos múltiplos tipos de violência, reduzindo o foco nos estudos, diminuição da autoestima e interesse em aprender. Isso ainda as leva a abandonar ou retirar-se deliberadamente das faculdades [...] A maioria das entrevistadas também apoiou a visão de que há um impacto direto do abuso sobre a evasão das mulheres no ensino superior; a violência tem um impacto negativo direto sobre as mulheres que frequentam a faculdade; em se concentrar, se destacar na sala de aula e fazer todos os deveres de casa, coisas que estão intimamente relacionadas ao seu compromisso educacional. Um dos efeitos imediatos do abuso em mulheres universitárias é que sua capacidade de frequentar a escola está diminuindo. (MISHRA, 2021, p. 470).

Como pode-se verificar por esses estudos realizados em outros países, o impacto da violência na vida acadêmica de estudantes do ensino superior não pode ser desprezado. Muitas acabam optando por desistir de frequentar a universidade e deixando de lado sonhos

e projetos. A realidade brasileira ainda carece conhecer como o fenômeno da violência tem impactado a vida de tantas jovens mulheres que chegam ao ensino superior e os comprometimentos que causam na vida acadêmicas destas.

Dessa forma, construir oportunidades para que pessoas que sofreram violência possam falar, expressar seus sentimentos, suas angústias, dores, receios, medos, vergonha, pode ser vital. Oliveira et al. (2015, p. 201) afirmam que “quando essa mulher consegue falar sobre o que vivenciou e expor sua subjetividade, essa vivência lhe atribui uma nova acepção de ser possível mudar essa significação do sofrimento e, assim, superá-la”.

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido a partir da proposição de um projeto de extensão, vinculado a pesquisa de doutorado de uma das autoras. Todas as informações e dados de análise são provenientes de encontros de Musicoterapia que aconteceram neste projeto, no ano de 2022.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, que buscou a compreensão e o aprofundamento dos fenômenos na perspectiva das participantes (SAMPIERI et al., 2013). Compreende-se que esta perspectiva é mais flexível, já que “caracteriza-se pela empiria e pela sistematização progressiva do conhecimento até a compreensão da lógica interna do grupo ou o processo em estudo” (MINAYO, 2010, p. 57).

O projeto de extensão aconteceu nas dependências de uma universidade pública no sul do Brasil, em uma sala de música reservada para tal, com tratamento acústico, ou seja, com isolamento de som, proporcionando um ambiente protegido e privativo; equipada com instrumentos musicais diversificados, conforme previsto para um espaço de atendimento de Musicoterapia. Os encontros foram semanais, com duração de uma hora e meia e foram baseadas nas técnicas e experiências musicais e musicoterapêuticas (BRUSCIA, 2000).

O projeto, intitulado “Musicoterapia, violências e produção de sentidos de estudantes universitárias”, desenvolveu-se entre os meses de março e novembro de 2022 e foi composto por uma professora musicoterapeuta, proponente do projeto, e por duas alunas do curso de Bacharelado de Musicoterapia.

As participantes estudo/projeto de extensão foram do tipo voluntárias ou autosseleccionadas, segundo classificação de Sampieri et al. (2013) e os critérios de inclusão foram: ter 18 anos ou mais; ser estudante universitária de instituição pública da cidade de Curitiba; ter ou estar em situação de violência (de qualquer tipo); assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Por ser um projeto de pesquisa e extensão, o mesmo foi submetido ao Comitê de Ética, CAEE 9.40235820.6.0000.92470, e aprovado com o parecer no. 4.562.318.

Os encontros foram todos filmados e transcritos e posteriormente analisados. Também compôs a coleta de informações uma entrevista individual com cada participante e uma roda de conversa em grupo, ao final do projeto, que também foi gravado e transcrito.

Em pesquisa realizada em sites de instituições de ensino superior que ofertam a graduação em Musicoterapia (nos estados do RS, RJ, SP, MG, GO), não foi encontrado nenhum projeto igual ou similar a este, que atuou com estudantes universitárias que sofreram violência e que participaram de encontros de Musicoterapia.

RESULTADOS

Participaram do projeto de extensão 6 estudantes universitárias de instituições de ensino superior da cidade de Curitiba. Para preservar a identidade de cada participante foi solicitado que cada uma escolhesse uma maneira na qual gostaria de fosse identificada. Elas se auto identificaram como: **Samanta, “L”, Nitrogênio, Flora, Oxigênio e “H”**.

A idade das participantes variou entre 21 e 27 anos, tendo maior concentração na idade de 22 anos (3). Cinco são solteiras e uma declarou estar casada e esta última possui um filho.

Os cursos em que as participantes estudam concentram-se na área de Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes.

As narrativas das participantes carregam histórias de violência que começam na infância e atravessam a adolescência e a vida adulta, sendo estas de tipos e formas variadas. Essas violências ressoam em suas vidas de diferentes formas, nas suas interações sociais, na maneira de se colocar diante de outras pessoas, em relacionamentos afetivos, familiares, no trabalho, em sala de aula.

A vida acadêmica também não fica de fora, pois o medo nelas instaurado pode dificultar a saída de casa para ir às atividades acadêmicas. A falta de atenção aos conteúdos, dificuldades nos trabalhos e avaliações, são reflexos que resvalam no dia a dia. Fenômeno como o presenteísmo pode acontecer para essas estudantes. A depressão, a autoestima rebaixada, sentimentos de culpa que as acompanham também podem comprometer sua dedicação aos estudos.

Acentua-se que todas sofreram mais de um tipo de violência. Entre as violências estão abuso/violência sexual na infância, sexo forçado, estupro, assédio sexual em local de trabalho, violência no namoro, violência psicológica, violência intrafamiliar/doméstica, perseguição (stalking), injúria, calúnia e difamação. A autoagressão infligida também apareceu como um tipo de violência.

Os autores da violência foram familiares ou pessoas próximas à família, colegas de universidade, outras estudantes vinculadas à casa de moradia para estudantes, namorados, companheiros, marido e chefes, o que está em acordo com a literatura vigente.

Universidade: um lugar para poder existir

A análise do material coletado nos encontros de musicoterapia baseou-se nos núcleos de significação (AGUIAR; OZELLA, 2006) e foram construídos considerando as narrativas espontâneas das participantes. Evidencia-se em suas falas a relevância do espaço

universitário em suas vidas, que elas encontram nos corredores, salas de aulas, cantinas, espaços coletivos, que estão para além do conhecimento acadêmico (SANTOS, 2008), revelando um lugar de pertencimento e uma importância ímpar no sentido de poder existir na sua singularidade. O espaço da universidade pode ser entendido como um espaço de produção de vidas.

O mérito do curso como algo que sustenta, dá suporte e sentido para a participante se manter, apesar de tantas dificuldades, revela-se no comentário da participante

Oxigênio:

Se eu trancar acabou para mim, porque, é a única coisa que eu tenho, é as aulas. [...] Eu ter entrado nesse curso, na faculdade, me salvou de muitas formas. [...] Eu sei que se eu desistir da faculdade agora eu não voltaria mais, e eu ia me afundar de novo, com certeza. (OXIGÊNIO - Encontro do dia 1º/7/22).

Samanta, que estava em uma situação financeira delicada porque sua mãe havia sido dispensada do emprego, expressa a importância de estar frequentando o curso escolhido, e o pesar se tiver que parar: “o curso é muito importante para mim, mas se não tiver nenhuma alternativa eu tranco”. (SAMANTA - Encontro do dia 8/7/22).

Oxigênio destaca a magnitude dos laços sociais que sobrevivem ao ingresso na universidade:

Eu conheci pessoas maravilhosas, fiz amizades, e enfim, as pessoas já me viram chorando muito na faculdade e, tipo, sinto um acolhimento de pessoas que nem me conhecem tanto, me dando [apoio], e eu não tenho isso com quem eu mais precisava ter. Tá sendo importante porque eu vejo que eu sou vista de alguma forma, que eu importo (OXIGÊNIO - Encontro do dia 1º/7/22).

Ser vista na sua singularidade, ser compreendida, sentir-se valorizada, ser reconhecida, são necessidades humanas que fazem parte da vida e do desejo das pessoas. As necessidades não ser restringem as biológicas (SAWAIA, 2003), estão para além destas, como sentir-se pertencente e integrada no social.

Para **Oxigênio**, conhecer outras pessoas, se relacionar para além do círculo familiar, possibilitou descobrir-se para outros possíveis enquanto pessoa, enquanto mulher:

Porque é automático, eu estar nessas relações interpessoais amorosas, eu sempre entro nisso sem perceber, assim, nesse modo passiva e que é submisso a tudo. É difícil de sair dessa condição. É uma luta constante para mim. Aí depois que eu entrei na faculdade comecei a ver que eu tinha, é uma coisa a mais do que ser só esposa de alguém, uma mulher de alguém. E aí, depois que eu tive esse clique na minha cabeça, não tive paz nenhuma, nunca mais, porque eu fui reconhecendo, né, as coisas e não querendo aceitar, mas sem saber também o que fazer para mudar aquilo. (OXIGÊNIO - Encontro do dia 30/8/22).

Circular pelo espaço universitário possibilitou à participante **Oxigênio**, além de ampliar seu conhecimento sobre questões relativas ao patriarcado, reconhecer-se em uma situação desconfortável, a qual pôde nomear e entender-se em um sistema de poder hierárquico desfavorável às mulheres. Novas relações interpessoais contribuíram para

ampliar a percepção sobre si, sobre outras possibilidades de existência, viabilizando novas ações e produções de si e expansão em suas formas de agir (SAWAIA, 2003; CUNHA, 2019; ARNDT, 2015).

Quando eu comecei a fazer faculdade ... eu comecei a perceber ainda mais essas coisas [patriarcado] e ver que eu realmente não queria me deixar nesse lugar para sempre. Que eu queria mais para mim... depois que eu vim para o presencial, comecei a conhecer mais pessoas e conversar com outras mulheres, também, que eu comecei a dialogar mais, mais sobre a situação com outras pessoas, com mulheres na sua maioria e perceber que aquilo não era normal mesmo, que não era algo que eu tinha que aceitar. E a faculdade me ajudou muito nisso, muito mesmo. Eu conheci pessoas que começaram a falar, 'não, você não é só isso, é muita coisa'. E pra não aceitar para mim que eu era realmente muita coisa, foi um processo longo, assim, muito. Com a faculdade eu acabei criando uma banda com 2 colegas de sala. Então a gente produz, está produzindo minhas coisas e eu passei a cantar, escrever, compor pra nossa banda e tudo aquilo foi me ajudando a me empoderar de mim, né. (**OXIGÊNIO** - Encontro do dia 30/8/22).

Estar na universidade trouxe o sentimento de pertencimento a um lugar, de cumprimento dos objetivos de vida, de pôr-se em movimento apesar dos desafios, como ter que mudar de cidade, deixar a família e o conforto da casa e ver-se sozinha em um lugar desconhecido. As participantes **Oxigênio** e **Flora** expressam claramente:

Agora que sei que eu pertencço aqui, tô aqui e aqui é meu lugar (universidade). (**OXIGÊNIO** - Encontro do dia 1º/7/22).

Estar nesse lugar, em Curitiba, me deixa muito desamparada, assim... a minha única função de estar aqui é a faculdade ... Independente do tempo que eu levar, eu tô fazendo. Então, é uma promessa que eu tô ... eu prometi para mim, desde muito cedo. Eu tô fazendo e eu vou fazer isso por mim, por mais ninguém. É isso que me movimenta (**FLORA** - Encontro do dia 8/7/22).

Os Encontros de Musicoterapia foram, em sua essência, encontros de pessoas, de fazeres musicais, de trocas, espaços de falas, de acolhimento e de compartilhamentos. Cada Encontro foi único e aberto a acolher quem chegasse, do jeito que chegasse, com o que trouxesse na bagagem.

De forma geral, a dinâmica dos Encontros consistiu em um momento inicial verbal, uma conversa que, por vezes, se prolongou durante a espera pela chegada de outras participantes. Entende-se como um momento importante esse conversatório, mesmo que a conversa fosse sobre assuntos variados, corriqueiros, como, por exemplo, a mudança da cor de cabelo, ou sobre o calendário acadêmico estar "bagunçado" por conta do retorno das atividades presenciais. O conversatório ajudou a construir laços, a fortalecer o vínculo com as participantes e entre elas.

A pergunta que sempre esteve presente foi: "Como você(s) está(ão)?" Assim construindo um momento de acolher e entender como cada uma se encontrava naquele dia, possibilitando e permitindo que aflorassem questões, reflexões feitas a partir de Encontros anteriores, ou mesmo narrativas de violência, de compartilhamento de sentimentos e emoções.

Os Encontros de Musicoterapia se propuseram a acolher todas as narrativas das participantes, permitindo falas espontâneas e livres de pré-julgamentos (no máximo que foi possível por parte pesquisadora e equipe). Primou-se por uma escuta atenta, cuidadosa, empática (THEBAS; DUNKER, 2021), que validasse e legitimasse os discursos e os sentires, explorando o reconhecimento do que sentiam, de como isso as afetava e como isso poderia ser expressado para além do verbal, acreditando na potência da experiência musical para alargar existires.

O projeto de extensão, nos seus encontros de Musicoterapia, constituiu-se em espaços de produções de sentimentos e emoções, propiciados principalmente pelas experiências musicais. Segundo Chagas (2020), na Musicoterapia, os musicoterapeutas

são aqueles que recolhem uma série de emoções e ajudam a dar uma forma expressiva, a dar uma forma de ritmo, de harmonia. E o que vai acontecer? A música como obra de arte afeta as pessoas [...] Obras de arte porque ela vai criar desvios em mim, ela vai criar novos caminhos comigo. Ela vai poder estar de uma forma coletiva [...] e ela vai poder, também ser individualizada. Eu posso estar compartilhando a mesma música com todo mundo e pra mim, ela tá sendo própria porque ela vai me afetar e eu vou mudar, transformar com essa afetação, que eu tenho. É o que a obra de arte faz comigo. (CHAGAS, 2020).

A percepção das participantes em relação a Musicoterapia, foi que esta se constituiu enquanto um espaço possível, um espaço para perceber-se, para reflexão, para experimentar(se), para realizar(se). Um espaço para acolhimento de pessoas que se dispuseram a estar ali e abrir-se para algo novo em suas vidas, já que nenhuma delas havia participado anteriormente da Musicoterapia.

Os Encontros de Musicoterapia foram espaços seguros que possibilitaram sentirem-se confiantes para falar e também para identificar-se com outras participantes e ter em quem confiar, condição fundamental para a existência e a sobrevivência em uma sociedade (SAWAIA, 2003). Nesse relato, observa-se a importância do projeto de extensão ofertado pela universidade, como rede de apoio. A fala de **Oxigênio** é ilustrativa nesse sentido:

Eu não tenho rede de apoio em Curitiba, principalmente de mulheres. Então isso é bem pontual para mim, de me sentir identificada com as outras dores e conseguir expor a minha, também. De alguma forma e, como as meninas falaram, alivia muito você ter um espaço seguro que você possa falar. Fiquei muito triste porque eu não consegui participar mais, também, porque no dia que eu vim eu senti que foi bom pra mim, muito bom mesmo, cantar junto, falar das coisas que a gente passa. É coisa que só mulher iriam entender, mesmo. Então, eu acho que é um grupo de extrema importância para mim, aqui. (**OXIGÊNIO** - Encontro do dia 26/8/22).

Estar no projeto de extensão, nesse espaço que foi aberto a estas participantes, nos Encontros de Musicoterapia constituíram-se em um espaço que trouxe acolhimento e segurança para falar, possibilitando a inauguração de narrativas nunca antes ditas. Inspirando-se em Maya Angelou (2018), no livro 'Eu sei por que o pássaro canta na gaiola', no qual diz que "não existe agonia maior do que guardar uma história não contada dentro de

você", pode-se compreender a necessidade premente de contar, de colocar para fora algo que espeta dolorosamente a vida de uma pessoa.

Entendendo que "o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir" (RIBEIRO, 2017, s/p.), **Flora** anuncia, na sua narrativa, como foi importante apropriar-se de sua história e o valor que a experiência musical teve para ela: "Isso eu nem contei para a minha psicóloga (sobre a última violência sofrida) [...]. (ao final do Encontro) Ninguém sabia disso até agora". (**FLORA** - Encontro do dia 8/7/22).

Em outro Encontro, ela reitera:

Porque aquele dia (Encontro do dia 8/7/22), foi a primeira vez também que eu falei para o mundo assim, pra pessoas, que eu verbalizei isso, que eu queria, que tava conseguindo. E aí, eu acho que foi bom eu ter despejado essa informação. É como se tivesse realmente validado tudo, todo aquele não desejo, sei lá de não querer cantar e falar sobre isso. Foi despertar de novo, mas foi muito bom. (**FLORA** - Encontro do dia 29/7/2022).

E os desdobramentos ocasionados a ela, autorizando a se impor frente à pessoa que a violentou:

É, pra mim foi muito bom, porque eu falei de coisas que eu não tinha falado pra ninguém. Depois daquilo eu consegui me impor e falar: 'você aí e eu aqui'. [...] E depois eu consegui realmente lidar com a pessoa, no mesmo ambiente, assim, de dividir um espaço, tipo, eu estou na minha e ele está na dele, mesmo que ele esteja do meu lado, E ele estava do meu lado, mas me respeitou, me ouviu e ficou no mesmo lugar, dele... [...] E é muito bom a gente se expressar com o que a gente ama, é muito bom expressar com uma música, e músicas que fazem sentido, num inconsciente coletivo pra mulheres. Ou senão, as outras mulheres que estão com você e, engajar uma música que é só sua e que faz sentido só pra você. Mas de ser tão ouvida, tão ouvida que aquela música, ela se torna universal, assim. E é boa essa sensação. (**FLORA** - Encontro do dia 26/8/22).

Pelos relatos, percebeu-se a importância que falar e compartilhar tiveram na vida das participantes, contribuindo não somente para contar, como para ajudar a organizar-se, a elaborar, a dirigir um olhar e uma escuta para si própria e criar sentidos para sentimentos e emoções:

Pra mim também ajudou muito a organizar os meus pensamentos, os meus sentimentos. É, eu consegui colocar numa caixinhas separadas, assim, eu consegui organizar comigo mesma pra repensar aquilo que eu estou sentindo e trazer aquilo que dói mais, o que é mais difícil de eu lidar e tem me ajudado bastante. Todos os momentos foram muito fortes, muito intensos. Eu acho que eu consegui melhorar até na própria faculdade, assim, me soltar mais. Eu tinha muita insegurança com tudo, minha autoestima. Eu tinha medo de falar as coisas durante as aulas. Então, ajudou, ajudou bastante. (**SAMANTA** - Encontro do dia 26/8/22).

Este estar semanalmente encontrando outras mulheres, em condições similares entre si, partilhando relatos, canções, sonoridades, histórias foi permitindo que cada uma desse um passo para a construção de uma nova pessoa, e passar a sentir-se como alguém importante, ser reconhecida e ter reconhecimento, receber carinho (SAWAIA, 2003) e apoio, em um processo de criação e autoprodução nos seus modos e condições de existência

(Namura, 2004), aumento nas suas possibilidades de existir, ser, pensar e agir (ARNDT, 2015).

Ver-se frente ao seu passado, com sua própria história, e passar a olhá-la com outras lentes, soldando momentos (FREIRE, 2011), construindo outros olhares, podendo libertar-se, não se vendo como objeto, mas como um ser humano, foram processos vivenciados por estas jovens estudantes ao participarem do projeto de extensão, nos encontros de musicoterapia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de abrir uma brecha, fazer uma ruptura em uma estrutura secular que tem como primazia a produção de conhecimentos científicos pode ser entendido como uma ampliação da função social dessa instituição. A oferta de espaços para a comunidade, por intermédio de projetos de extensão, como este apresentado aqui, cumpre a função do tripé da universidade, e constrói laços importantes entre a instituição e a sociedade.

Como pode ser visto nas narrativas das participantes, elas demonstraram a importância que a universidade teve na vida delas, seja pelo desejo em realizar o curso superior, pela possibilidade de construir laços sociais e afetivos, por encontrar pares e fazer parcerias, por sentirem-se pertencentes e respeitadas na sua singularidade e propósitos de vida.

As experiências positivas tecidas nas interações grupais nos Encontros de Musicoterapia, somadas aos processos individuais (e certamente muito outros acontecimentos na vida delas) ampliaram o campo de possibilidades nas formas de ser e estar dessas estudantes, colaborando para que elas pudessem criar sentidos outros para sua existência e aumentando a sua potência de agir.

Destaca-se a importância desse projeto de extensão ter sido ofertado em um contexto universitário, que é algo próximo a elas, que está no cotidiano de suas vidas. As participantes enfatizaram a importância que o projeto teve para elas, de estarem com outras estudantes em condições semelhantes à sua, compartilhando relatos, sonoridades, risos e choros e produzindo música-vida. Elas recomendaram que o projeto tivesse continuidade, que fosse ampliado para mais estudantes e para a comunidade em geral, para que mais mulheres pudessem ter acesso a esse espaço acolhedor e seguro.

Entende-se que a universidade pode ser, para além da produção de conhecimentos técnico-científicos, uma casa que acolhe projetos que potencializam a produção de vidas e de existências. Uma casa que produza saberes diversos, que contribua para a formação de seres humanos sensibilizados, e este trabalho mostrou que é possível a transformação, tanto das estudantes, como do seu entorno, e do próprio lócus, a universidade.

Como tão bem cantado pelos Titãs, “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte [...], a gente não quer só comida, a gente quer a vida como a vida quer

[...], a gente não quer só comer a gente quer prazer prá aliviar a dor [...] a gente quer inteiro, não pela metade.” (Antunes; Britto; Fromer, 1987).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda. M. J.; OZELLA, Sergio. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*, [S. l.], v. 26. n. 2, p. 222-245, 2006. <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>>

ANGELOU, Maya. *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Bauru: Astral Cultural, 2018.

ANTUNES, Arnaldo.; BRITTO, Sergio.; FROMER, Marcelo. *Comida*. [Gravado por Titãs]. In Titãs: Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas [LP]. WEA, 1987.

ARENDT, Hannah *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

ARNDT, Andressa D. “Mas, nós vamos compor?”: roda de música como experiência coletiva em um CRAS da região metropolitana de Curitiba. 196 f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BANYARD, Victoria et al. Academic correlates of unwanted sexual contact, intercourse, stalking, and intimate partner violence: an understudied but important consequence for college students. *Journal of Interpersonal Violence*, [S. l.], v. 35, n. 21-22, p. 4375-4392, 2020. <<https://doi.org/10.1177/0886260517715022>>

BARCELLOS, Lia R. M. *Quaternos de musicoterapia e coda*. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEGGIATO, Sheila et al. Violência no contexto do ensino superior: uma revisão de escopo. *Revista InCantare*, v. 16, n. 1, p. 22-40, 2022.

BEGGIATO, Sheila; MESSAGI, Jônia M. D. Caminhada histórica da Musicoterapia no Paraná. In: Beggiato, Sheila; Arndt, Andressa. (Org.). *Ensaio sobre Arte, Educação e Musicoterapia*. 1ed. Curitiba: CRV, 2022, v., p. 79-99.

BRASIL. *Lei nº 11.340*, de 7 de agosto de 2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 1, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Superior 2021: divulgação de resultados*. Brasília, DF: Inep, 2022(a). Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>. Acesso em: 3 dez. 2022.

BRUSCIA, Kenneth. **Definindo musicoterapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CÉSPEDES, Raquel et al. Academic presenteeism and violence against women in schools of business and engineering in Peruvian universities. *Lecturas de Economía*, [S.l.], v. 93, p. 127-153, 2020. <<https://doi.org/10.17533/udea.le.n93a340726>>

CHAGAS, Marly. “Cantar é mover o som”. III Fórum Paranaense de Musicoterapia *Anais ...* Curitiba, 2001. Disponível em <https://amtpr.com.br/wp-content/uploads/2021/03/2001-30.-Cantar-e-mover-o-som..pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

CHAGAS, Marly. *Musicoterapia: uma ferramenta de autoconhecimento em saúde mental*. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NR8sdTrb-Ww>. Acesso em: 12 dez. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/violencia-contra-a-mulher/formas-de-violencia-contra-a-mulher/>.

COSTA, Clarice M. *O despertar para o outro: musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1989.

CUNHA, Rosemyriam. Musicoterapia Social e Comunitária: uma organização crítica de conceitos. *Brazilian Journal of Music Therapy*, [S. l.], n. 21, 2016. Disponível em: <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/68>. Acesso em: 14 jun. 2020.

CUNHA, Rosemyriam. Reflexões sobre a prática da Musicoterapia em grupo. **Brazilian Journal of Music Therapy**, [S. l.], n. 26, 2019. Disponível em: <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/22>. Acesso em: 14 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

INSTITUTO AVON. Pesquisa Instituto Avon / Data Popular. *Violência contra a mulher no ambiente universitário*. São Paulo: Instituto Avon, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/11u8aXbjIICjhjxZgmiGzcAkv85KnFGc/view>. Acesso em: 19 mai. 2022.

LEINIG, Clotilde. E. *Tratado de musicoterapia*. São Paulo: Sobral Editora, 1977.

MINAYO, Maria Cecília. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MISHRA, Lokanath. Effects of Violence against Women on Higher Education in Mizoram, India. *Journal of International Women's Studies*, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 465-472, 2021. Disponível em: <https://vc.bridgew.edu/jiws/vol22/iss1/27>. Acesso em: 2 nov. 2021.

NAMURA, Maria. R. Porque Vygotski se centra no sentido: uma breve incursão pela história do sentido na psicologia. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 19, p. 91-117, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752004000200006. Acesso em: 2 out. 2021.

OLIVEIRA, Patrícia. P. et al. Mulheres vítimas de violência doméstica: uma abordagem fenomenológica. *Texto & Contexto Enfermagem*, [S. l.], v. 24, n. 1, 2015, pp. 196-20. <<https://doi.org/10.1590/0104-07072015002900013>>

PEQUENO, Marconi. J. P. *Violência e direitos humanos*. São Paulo: Opção Livros, Editora Cajuína, 2019.

PRESTES, Emilia M. da T.; JEZINE, Edineide. Interface da violência com a evasão e exclusão na educação superior. *Revista Eletrônica de Educação*, [S. l.], v.15, p. 1-16, 2021. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3828/1135>. Acesso em: 10 out. 2021.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SAMPIERI, Roberto H. et al. *Metodologia de pesquisa*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Boaventura. S. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. In: SANTOS, B. S.; ALMEIDA FILHO, N. *A universidade no século XXI: para uma universidade nova*. COIMBRA, 2008. Disponível em <https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2022.

SAWAIA, Baden B. Fome de felicidade e liberdade. In: *Muitos Lugares para Aprender*. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - CENPEC – São Paulo; CENPEC. Fundação Itaú Social. Unicef, 2003.

THEBAS, Cláudio.; DUNKER, Christian. *O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas*. [S. l.]: Planeta Estratégia, 2021.

UBAM. União Brasileira das Associações de Musicoterapia. *Definição Brasileira de Musicoterapia*. 2018. Disponível em: <http://ubammusicoterapia.com.br/definicao-brasileira-de-musicoterapia/>. Acesso em: 5 nov. 2020.

VILELA, Maria E. A.; OLIVEIRA, Carolina S. In: MELO, V. H.; MELO, E. M. *Para elas*. Ministério da Saúde – Núcleo de Promoção de Saúde e Paz. UFMG. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2016.

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Autora 1 – Escrita de todas as etapas do manuscrito, elaboração do projeto, revisão bibliográfica, definição de metodologia, discussão dos resultados e conclusões.

Autora 2 – Orientadora de doutorado da 1ª autora, responsável pelas orientações e correções de todas as etapas de construção do manuscrito

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

As autoras declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.